

## *Da Saudade*

Paulo Borges  
(Universidade de Lisboa)

“Também há-de chegar o dia em que eu próprio nunca existi. E há-de chegar também o dia em que o mundo nunca existiu: o mundo, o Sol e as estrelas...”

- Teixeira de Pascoaes, *O Bailado*.

“O existir cria a *ilusão de Tempo*, a qual, por sua vez, cria a *ilusão de Origem*”

- *Idem*, *Verbo Escuro*.

Instantes há em que, desprevenidos e sem intenções, livres dos hábitos mentais e emocionais, subitamente nos surpreendemos trespassados de um inefável sentimento de infinito, plenitude, felicidade, potência, luminosidade e liberdade. Não somos senão isso que sentimos e sabemos então, pela mais simples evidência, ser essa a realidade e verdade primeira, última e eterna de tudo. Porque nesses instantes a plenitude que sentimos é a plenitude, não a nossa irreal plenitude, mas a plenitude de todas as coisas. A plenitude que se sente sem cisão sujeito-objecto, a plenitude que se vê sem conceito, a plenitude em que corpo, sentidos, mente e consciência são tudo a testemunhar e celebrar a sua eterna infinitude, perfeição e esplendor. Uma plenitude sem centro nem periferia, sem interior nem exterior, sem possuidor nem destinatário. Uma plenitude sem porquê nem para quê. A plenitude.

Então somos e sabemos tudo, sem que nada careçamos de conhecer. Vemos tudo, sem em nada pensar. E também vemos, quer no âmago desses instantes, quer já na sua memória reflexiva e saudosa, que não somos e nada é como antes nos concebíamos e o concebíamos. Vemos que não somos e nada é como nos dizem. Vemos que nada é, nunca foi e nunca será realmente separado disso que nos sentimos. Vemos que nada, nós, os outros, a totalidade do que antes pensávamos como seres, coisas e fenómenos,

separados, finitos e limitados, com entidade, forma e características próprias, com origem, duração e fim, com nascimento, vida e morte, jamais em verdade assim existiu, existe ou existirá. Tudo se revela simultaneamente interligado, osmótico e irradiante de *um não sei quê*, numa glória irredutível a todo o conceito e palavra. Tudo é vazio de limites e pujante de esplendor e intensidade. Nesses instantes exultamos e o mundo é Festa. Sem porquê nem para quê. Sem quem nem quê.

E doravante se sabe que nada mais tem plena realidade, sentido e valor senão ser, fruir e celebrar tal plenitude. E bem assim, manifestando-a ainda, sempre que algo ou alguém dela se distraia, destinando-se ao sofrimento, a ela logo o reconduzir, pelas vias mais adequadas à natureza da sua distração. Por pura sensibilidade, amor e com-paixão. Sem esforço. Espontaneamente. Com a contagiante espontaneidade de ser sempre em Festa. A única Festa autêntica: aquela que tudo é, sem exceções, sem convidados.

É desses instantes, uma vez interrompidos, é dessa plenitude, uma vez interrompida a nossa consciência dela, que há a mais funda saudade, ou, melhor dizendo, a *saudade*, memória e desejo de perfeição e absoluto, de um Bem para além de o ser, pois sem conceito, contraste ou oposição. Porque, embora referida a pessoas e seres, experiências e estados, tempos e lugares – os encantamentos da infância, o primeiro ou um grande amor, uma amizade ou comunhão com vislumbres de eterno, os entes queridos que partiram ou se ausentaram, uma imagem, um odor, um sabor, os lugares desses deslumbramentos - , a saudade que deles havemos é afinal a saudade da glória que neles e e em nós então, consciente ou inconscientemente, em maior ou menor grau, vivemos, vislumbramos ou pressentimos. A saudade da fugaz dissolução das opacidades do mundo convencional. A saudade de rasgos para além de estarmos aquém. A saudade de um encontro íntimo. De um estar mais perto do que não sabemos. Da graça de um Bem imaculado por medos, defesas e expectativas. A saudade da realidade e da verdade plenas.

A saudade, como indicam possíveis etimologias do seu surgimento na experiência galaico-portuguesa, da *saúde* primordial de todas as coisas, trocada pelo consciente ou inconsciente anelo do que a sente haver perdido, do que se sente cindido da comunhão primeira, sentindo assim o *isolamento* e *solidão* seus e, porventura, dos outros seres, e que por isso aspira a reintegrá-la, buscando a sua *salvação* ou, numa

melhor possibilidade, a *salvação* de tudo – no sentido de um universal regresso à *saúde* da plenitude primordial e sempre instante. Pois a saudade que fundamos no passado para a projectar no futuro, no anseio de um futuro onde reencontremos o bem havido, é afinal a saudade do eternamente presente, a saudade do haver vivido, momentaneamente, a plenitude do agora, de um agora que se manifestou porque, naqueles estados de deslumbramento, os nossos condicionamentos habituais se suspenderam e habitámos mais próximo da infinita intimidade dos seres e das coisas. A saudade que desses momentos havemos, a nimbá-los da difusa mas doirada aura do ideal, é pois a saudade dessas efémeras tangências ao profundo coração do mundo, em que fomos acolhidos e embalados no seio de um agora sem antes nem depois.

Pela saudade, de acordo com o grau da sua intensidade e lucidez, que depende da intensidade e lucidez da experiência da plenitude primordial, sabemos ou pressentimos, mesmo após esta haver diminuído, se haver dissimulado na sua mera lembrança e representação, ou ocultado na inconsciência do esquecimento, que todas as formas de sentir e ver o mundo dela procedem. Em todas há a consciente ou inconsciente mas inalienável memória de alguma coisa de sagrado e sublime, convertida no irrenunciável desejo de a reaver. Por mais repassadas de ignorância e ilusão que, a respeito da plenitude e do sentido da saudade, sejam as nossas formas de viver, sentir e conceber o mundo, pressentimos minimamente que a chamada realidade não pode ser tão real, no sentido de tão sólida e opaca na sua frustrante limitação, quanto parece ser quando assim a vivemos. Pela saudade, na mínima das suas possibilidades, perdura em nós uma insatisfação e inquietude que nos sussurra haver uma dimensão mais vasta das coisas a descobrir, um ideal a realizar ou um sujeito e um mundo a transformar. E, no seu ápice, no qual de algum modo continua presente o sentimento e visão da plenitude primordial, pela saudade constatamos o modo ilusório, fictício e, muitas vezes, hipócrita, como vivemos. O modo como, onde não há senão a instantânea fulguração, em todos os seres e coisas, fenómenos, percepções e experiências, dessa inefável plenitude, irreduzível a todo o conceito e palavra, incluindo estes mesmos de “inefável plenitude”, as nossas mentes e corações, dela distraídas e esquecidas, insuficientemente atentas à benigna e provocadora solicitação da mesma saudade, se afadigam a conceptualizar, fabricar e viver um mundo estreito, construído pelo que resulta do ilusório não reconhecimento da realidade: 1 - a

impressão de se ser um ente realmente existente, independente e separado de alguma coisa que assim surge e se designa como mundo, ele mesmo composto de outros entes idênticos na sua separação, embora diferenciados como homens, outros seres ou coisas; 2 - a crença, irracional e irreflectida, na verdade não-convencional, inata e objectiva desta representação, tornada um hábito mental e emocional inquestionável; 3 - o medo e a rejeição de tudo o que a possa pôr em causa e o desejo e a esperança de que ela possa perdurar, habitualmente acompanhados do desejo e da esperança de tudo o que possa promover o bem-estar e a felicidade individuais do suposto sujeito, ou daqueles que tem por próximos, e do medo e rejeição de tudo o que o possa impedir ou perturbar.

Assim nascem, se estruturam e reproduzem os seres que julgamos ser, tal um infinito e um todo que, distraído de o ser e apavorado com a sua esquecida plenitude, ou buscando possuí-la como se a não fosse, buscasse refugiar-se dela ou conquistá-la como coisa distinta, o que é o mesmo, construindo-se um abrigo ou uma atalaia de espessos muros, nos quais espera a ventura, mas onde doravante não pode viver senão enclausurado e infeliz, espreitando medroso ou ávido, pelas frestas das janelas, a vastidão do espaço que ignora ser ele mesmo, na expectativa de o aprisionar nos limites de um ser objecto, pensado e possuído, ou no pavor da possibilidade de uma tempestade súbita lhe romper o telhado e as paredes e o devolver à plenitude do real, isto é, a si mesmo.

Esta é uma possível alegoria da condição da consciência egocentrada, ilusoriamente divorciada da plenitude do ser na prisão de todas as falsas seguranças da visão dualista, medrosa e agressiva. Uma alegoria do injustificável que está na raiz da chamada civilização, do equívoco fundamental que está no íntimo da nossa suposta normalidade, da ilusão que move um mundo às avessas da natureza profunda das coisas. É esse o lapso primeiro, o deslize fundamental, de que brotam todas as formas de consciência e todos os produtos e orientações da cultura, material ou espiritual, popular ou erudita. E é perante ele que se determina o sentido conformista ou revolucionário das tendências da mesma cultura que, consciente ou inconscientemente, podem orientar-se para o sancionarem e reproduzirem, para o questionarem, interromperem e anularem, ou para ambiguamente se moverem nos dois sentidos. É que é difícil abdicar da ilusão pela qual cremos ser reais tal qual nos pressupomos, mesmo que ela nos custe o vivermos à

margem da plenitude. É este medo ilusório de deixar de ser quem nos julgamos que se perpetua não apenas nas formas comuns e grosseiras de visão científica, filosófica e religiosa, que pouco mais são do que uma descrição, organização e justificação da forma ilusória de ver e viver o mundo, mas ainda naquelas mais subtis que, vislumbrando a ilusão pela qual surgem e o além disso, acabam por sacrificá-lo ao desejo de permanecerem, acabando por renunciar ao fim para que haja mediação, ao absoluto para que haja relação, à plenitude para que haja um seu sujeito e mesmo uma sua experiência.

É que o esquecimento e distração da plenitude, bem como do sentido pleno da saudade que a ela nos vincula e nela nos pode reintegrar, desorientam-na numa mera saudade da plenitude própria, confundida a primordial experiência da plenitude universal, sem centro nem periferia, sem agente nem paciente, afinal *sem experiência* (pelo menos sem o seu sentido dualista), com a experiência da plenitude do sujeito, esse que só ficticiamente existe quando aquela se enfraquece e obscurece por dela se cindir como um observador que a teme como alheia e/ou busca apropriar como a *sua* plenitude. Essa saudade de uma quimérica, irreal e impossível plenitude do sujeito enquanto tal - que na verdade nunca existiu, existe ou existirá, quer porque ser *sujeito é ser sujeito aos limites do objecto que contra si pro-jecta*, quer porque na realidade e felizmente nunca houve, há ou haverá, fora das convenções e representações sócio-culturais, algo que seja um *sujeito* - , embora se confunda com as alegrias e prazeres dualistas que originam a sua própria dissolução e contradição, ou seja, o sofrimento, essa absurda saudade do que não pode ser, usurpa o grau de legítima intensidade, exigência e expectativa a respeito da plenitude mas, por isso mesmo, condena o seu vão protagonista a uma frustração tão mais intensa quanto mais aceso é o seu desejo e esperança de obter o que é impossível com o ser sujeito e com todo o desejo e esperança, marcas óbvias de ilusão e dualidade.

Do esquecimento e distração da plenitude, e desta degradação da saudade - como vínculo ao e vigília do que é - numa saudade ilusória - meramente subjectiva e psicológica, como desejo de e apego à renovação das experiências finitas lembradas como agradáveis - , resulta assim a multiforme condição de todos os seres que, de diversos modos, se concebem e sentem como tais, ou seja, como entes real e substancialmente existentes na sua fictícia constituição própria: homens, animais e todos

os outros – deuses, semi-deuses, demónios, espíritos, etc. - que, embora não perceptíveis pelo actual nível de comum exercício das faculdades humanas, a multiseular tradição assinala e consciências singulares ou em circunstâncias singulares apercebem. Do mesmo esquecimento e distração da plenitude e da desorientação da saudade resultam, a nível propriamente humano, todos os ilusórios medos e desejos, desesperos, sonhos e esperanças, alegrias e dores, em suma, todas as tragicómicas alucinações e delírios que geram, estruturam e reproduzem a face mais visível da vida privada e da vida social, da cultura, da civilização e da história. O mesmo se diga da ciência, filosofia e religião que do mesmo esquecimento e distração procedem, sempre que, seja pela busca do saber conceptual ou das suas aplicações técnicas como um fim em si, seja pela demanda da felicidade, salvação ou iluminação individuais ou colectivas, mas meramente humanas, ou diferidas para algo exterior ou posterior, seja uma transcendência extrínseca, seja um pós-morte, seja algo que não a íntima verdade de cada instante, não analisem, questionem e superem a dualidade sujeito-objecto, ou seja, sempre que não se superem na Festa da plenitude sem princípio nem fim, continuando a sancionar e reproduzir a ordem ilusória das consciências.

Não reconhecendo a plenitude que são e, por não deixarem de pressentir o seu apelo urgente, impedindo-se de a fruir ao procurá-la de forma dualista, ou seja, *ao procurá-la*, aqui e ali, por esta ou aquela via, aderindo a isto e rejeitando aquilo, como se ela não fosse a única realidade sempre presente em tudo, os supostos seres destinam-se a girar no círculo vicioso da existência ilusória, na ronda das vidas e das mortes fictícias, no carrossel mágico da ilusão, originada no erro de perspectiva de haver observador e observado, sujeito e objecto, que é o erro de haver perspectiva. Procurando a plenitude que é e sem medida na medida estreita da sua mente, das suas emoções e das falsas realidades e horizontes que elas projectam, procurando a felicidade como resultado da estratégia consciente ou do instinto inconsciente dos seus medos e desejos, os supostos seres aderem, rejeitam ou são indiferentes a isto e àquilo, agitam-se, complicam-se, competem e agriem-se, reproduzindo sem sentido a frustração, cansaço, tédio e insatisfação - feitos dos mesmos prazeres cem cessar procurados, havidos e perdidos - inerentes a crerem-se algo distinto da plenitude, que assim poderiam obter e possuir como um sujeito a seu objecto, como algo para si e contra os outros, sem sacrifício da

ilusão de haver sujeito e objecto, eu e outros. É esta ilusão dualista que move o mundo artificial dos seres ilusórios, que choram e riem pelo que não existe: primeiro que tudo eles próprios e depois toda a suposta realidade que no seu sonho concebem. Querendo criar repartições no infinito, traços no céu, formas na água, no seu delírio tomam por reais as cristalizações da sua fantasia e chamam evolução e progresso à perda da verdade, da simplicidade e da liberdade, da sensibilidade, do amor e da compaixão, trocados por uma indústria de conceitos e de produtos ao serviço da vontade de poder e de lucro da consciência egocentrada.

É assim que, movidos pela saudade esquecida, distraída e desorientada do seu real intuito, procuram na dualidade e na parcialidade das experiências e das soluções o que só podem descobrir no todo e no infinito, reproduzindo e agravando sem cessar o problema fundamental de imaginar que há problemas e soluções. E tudo assim se converte em equivalente e frustrante sucedâneo ou compensação da plenitude que malogradamente se persegue. Tudo: a riqueza, o prestígio e o poder, as relações afectivas, o sexo e os prazeres, o trabalho, o ócio, a moral e a política, a cultura, a ciência, a filosofia e a religião, a espiritualidade, a busca de salvação ou iluminação, a busca de plenitude. A própria plenitude. E a mesma crítica e rejeição de tudo isto. Tudo. Tudo o que seja *alguma coisa* concebida por *alguém*. Ou seja, tudo o que não existe. Nós próprios. Este corpo, este pensamento, este texto e esta voz, se percebidos como o *nosso* corpo, o *nosso* pensamento, o *nosso* texto e a *nossa* voz.

Mas, pela sua própria natureza, a ilusão é ilusória, no sentido de que não existe absolutamente, sendo apenas um não reconhecimento da realidade. Vista sem ilusão, vista na luz da verdade, ela dissipa-se na mesma plenitude que tudo é. Ou seja, reconhecidos como tais, os próprios conceitos, emoções, hábitos e instintos dualistas, tudo o que emerge da sensação de haver sujeito e objecto e esta mesma sensação, são a fulguração eterna e instantânea da plenitude. Reconhecidos como manifestação do que é, não são já conceitos, emoções, hábitos e instintos dualistas, não é já sensação de haver sujeito e objecto, mas a pujante energia, a glória e a graça primordiais disso que se sente mas não se pode dizer nem pensar. Reconhecida como ilusão, a suposta ilusão é logo a mesma luz que subitamente irrompe nos instantes em que se desvela o que realmente é. E aí se vê que a saudade da plenitude, a saudade e a plenitude, bem como a realidade e a

verdade, pensadas como algo oposto à ilusão, oposto ao que não é, são ainda ilusão. As suas formas mais subtis ou as mais grosseiras, conforme a perspectiva.

Mas pouco importa. A ilusão não é. Não há regresso porque nunca houve exílio. E assim tudo é desde sempre e a cada instante livre de conceitos e de imaginações. Vazio, puro e livre de milénios de representações. Vazio, puro e livre de milénios de civilizações, culturas, filosofias e religiões. Milénios de medos, desejos e esperanças de que seja o que não é. Milénios de frustrações. Milénios: quase nada, uma efémera desatenção ao respirar do real, fugaz impressão de haver tempo.

Tudo é vazio, puro e livre. Vazio, puro e livre de ser vazio, puro e livre.

Agora – enfim, desde sempre – matamos a saudade.

Agora.

É a Hora !